

VIZINHANÇAS SOCIALMENTE APROPRIADAS E ATRAENTES

Artigo XV, da série habitar e viver melhor

António Baptista Coelho

Lynch diz-nos que a homogeneidade social de um dado sítio é um meio mais determinante do que o respectivo desenho urbano de pormenor para aí se desenvolverem sentimentos de comunidade; uma condição que o autor associa, no entanto, mais directamente, a pequenas comunidades residenciais até cerca de 100 habitações. E o mesmo autor complementa o seu raciocínio referindo ser fundamental não esquecer, que a existência de uma forte comunidade social bem radicada num dado local, é um factor muito importante, por exemplo, para o desenvolvimento das crianças e dos jovens dessa vizinhança(1).

Poderemos ficar, assim, com a ideia de que se desenvolvermos uma intervenção numa perspectiva de predominância pedonal, tal como se tem ciclicamente defendido nesta série editorial, em acções de pequena escala e respeitando critérios de homogeneidade social, teríamos quase garantido o êxito de uma vizinhança.

No entanto, desta forma, há matérias que ficam por tratar, e, designadamente, duas bem distintas, que, em seguida se destacam:

- (i) uma delas tem a ver objectivamente com a qualidade do desenho de Arquitectura urbana aplicado, e é bem conhecida a diferença entre bons e maus projectos, ou, melhor, entre Arquitectura e não-Arquitectura;
- (ii) e a outra matéria é basicamente social e tem a ver, quer com a existência grupos socioculturais que obrigam a concentrações muito menores e a uma maximização da respectiva dispersão, caso contrário os resultados poderão ser, a médio prazo, tão negativos para eles como para os habitantes das respectivas

envolventes, quer com os fundamentais cuidados de mistura sociocultural, em diversos tipos de aspectos (culturais, etários, opções de vida, etc.), que parecem ser fundamentais para a criação de vizinhanças vivas e civicamente positivas.



Tudo isto, quando resulta, resulta em vizinhanças que são tão apropriadas directamente pelos seus moradores, como o são, indirectamente, pela cidade em que se integram, neste último caso considerando uma apropriação no sentido de agradável e útil diversidade formal, funcional e social e resultando no útil, atraente e motivador mosaico de espaços vivenciais e urbanos, que todos desejamos se possa constituir na nossa cidade e no nosso bairro.

Kevin Lynch refere, ainda, que(2), acima de uma dimensão de vizinhança local pequena, que o autor estima em cerca de 100 fogos, a homogeneidade social e o controlo evidenciado dos territórios apresentam já aspectos que considera poderem ser perigosos(3); e a noção que neste momento parece ser a mais adequada, e que decorre directamente da observação periódica e ao longo de mais de duas dezenas de anos, de algumas significativas centenas de conjuntos de habitação de interesse social portuguesa, é que esta conclusão de Lynch poderá ser estrategicamente reduzida e deverá ser especialmente reduzida na medida em que se identifiquem situações sociais marcadas por um reduzido nível de escolaridade e/ou pela pertença a minorias étnicas com registos significativos em termos de dificuldades na integração social e urbana.

Toda esta perspectiva que favorece uma disseminação e integração urbana maximizadas e aliadas a uma máxima diversidade sociocultural ao nível das vizinhanças de proximidade, tem a ver não só com as questões que foram apontadas, mas também com a perspectiva que se tem de uma cidade actual onde é possível e provavelmente desejável que as relações sociais tenham uma base social em unidades de vizinhança muito pequenas (ex., quarteirões), mas que se dispersem, naturalmente, por amplos e diversos sectores da cidade; pois assim se pode fazer e viver uma melhor cidade.

Mas falámos dos aspectos sociais e não falámos, nem iremos falar longamente, da importância da Arquitectura na construção de vizinhanças apropriadas e atraentes, que, portanto, possam influenciar uma vida diária mais agradável e motivadora.

No entanto dá vontade de afirmar, desde já, que essa importância é, na prática, muito mais determinante do que se poderá considerar numa primeira reflexão. E só não se avança mais nesta afirmação devido à ausência de um número significativo de estudos que fundamentem esta relação, entre uma evidenciada qualidade arquitectónica e uma significativa satisfação residencial.

Mas os exemplos estão aí, e a eles voltaremos compassada e pormenorizadamente, desde as Categorias HR, I e II (as mais económicas da promoção de habitação de interesse social portuguesa nos anos 60 do século passado) ao decénio anterior, nas "Células Sociais" do grande Alvalade lisboeta e nos "Pequenos Alvalades" disseminados pelo País (conceito que julgo ter sido referido por Nuno Teotónio Pereira).

E podemos recuar mais para outras Habitações Económicas, ou então avançar mais até muitos casos de habitação de interesse social entre o 25 de Abril e a actualidade, em que áreas reduzidas, acabamentos simplificados e um excelente projecto de Arquitectura, que alia verdadeira valia de "desenho" a uma expressiva capacidade de emoção/empatia e de apropriação, parece terem resultado em vizinhanças bem apropriadas, atraentes e arquitectonicamente dignificadoras da cidade em que se integram.

A estas matérias iremos voltando, sob outras facetas de reflexão, mas ainda nesta área da aproximação a uma adequada apropriação das vizinhanças residenciais, há que sublinhar ser esta uma condição fundamental para o

desenvolvimento de um sentido de identidade local que é, provavelmente, um factor crucial do sucesso social e arquitectónico de qualquer nova ou renovada vizinhança.



Num excelente estudo do LNEC, realizado já há alguns anos, Luís Soczka refere que *«vários estudos levam a crer que o sentimento de perda de identidade e o anonimato percebido levam a reacções emocionais negativas na situação de adensamento populacional, constituindo assim um importante factor de stress e um precipitador das respostas agressivas.»*(4)

E o mesmo Luís Soczka, no mesmo estudo, esclarece que a concentração populacional não é um indicador objectivo, como a densidade habitacional, mas sim um indicador psicológico que resulta, subjectivamente, da percepção da densidade populacional como excessiva. E esta é, novamente, uma matéria profundamente arquitectónica, que tudo tem a ver com um “desenho” que pode, eventualmente, aliar as vantagens de uma densificação real a um “dosear” ou a um amenizar da percepção dessa densidade, ou, pelo contrário um acentuar aparente dessa densificação, por exemplo, em situações mais ruralizadas, onde se pretenda criar um pequeno pólo mais urbano - e tudo isto faz parte daquilo que deve ser um excelente “jogo” de/da Arquitectura.

E podemos fazer aqui mais uma pequena síntese social e de Arquitectura, apurando que, mais uma vez, um aspecto importante na satisfação de quem habita - a identidade, que se liga directamente à apropriação - é também um

aspecto determinante na construção de uma adequada caracterização arquitectónica e a identidade de um dado espaço urbano e residencial tem de ser construída em boa parte através de um bom desenho, que emocione quem o habita e que dignifique o bairro/cidade em que se integra.

Tem-se a certeza de que, neste texto/temática se abordaram matérias tão diversas como fundamentais para melhor se habitar/viver o (n) espaço urbano, matérias que, individualmente, exigem aprofundamento, mas que só quando associadas (ex., diversidade social + densidade equilibrada mas agradavelmente afirmada + desenho/forma/acabamentos que agradem e emocionem habitantes e que dignifiquem a cidade) poderão ter os resultados mais efectivos na satisfação e no fazer cidade, sendo que tal associação exige também cuidadoso aprofundamento e sistemática exemplificação.

Mas tais desenvolvimentos terão de ficar para outras oportunidades, sublinhando-se, desde já, que o "melhor habitar" não poderá nunca decorrer de fórmulas "simplistas", mas sim de combinações muito diversas e exigentes.

Notas:

- (1) Kevin Lynch, "La Buena Forma de la Ciudad", p. 179.
- (2) Kevin Lynch, "La Buena Forma de la Ciudad", p. 177.
- (3) Esta dispersão é real em todos os grupos sociais, embora seja menos efectiva naqueles com baixos níveis salariais e/ou habitualmente marginalizados ou "auto-isolados" (por razões étnicas e culturais).
- (4) Luís Soczka, "Espaço Urbano e Comportamentos Agressivos - da Etologia à Psicologia Ambiental, p. 7.

Infohabitar a Revista do Grupo Habitar

Editor: António Baptista Coelho

Edição de José Baptista Coelho

Lisboa, Encarnação - Olivais Norte

Infohabitar, Ano VIII, n.º 402, 15 Julho 2012

Etiquetas: [antónio baptista coelho](#), [espaços de vizinhança](#), [habitar a vizinhança](#), [vizinhanças amigáveis](#), [vizinhanças socialmente adequadas](#)